



# *Fellowship* em Laparoscopia

Do treinamento à vida real. Relatos reais do jovem urologista.

*por Bruno Santos Benigno*

**A** transição da fase de residência para o mercado é um desafio enfrentado por todos nós e nem sempre é um processo suave.

*Urologistas do Brasil inteiro enfrentam uma série de obstáculos, independente do cenário que venham a escolher no serviço público, no privado ou na saúde complementar.*

*Apostar no aprimoramento com um **Fellowship** em laparoscopia pode representar um diferencial em determinadas regiões do país e tornar a inserção no mercado de trabalho mais rápida para alguns.*

Contudo, o nível de treinamento elevado adquirido em centros especializados com maior abundância de recursos financeiros e tecnológicos, por vezes, encontra barreiras de infraestrutura, limitação de acesso a materiais e uma falta de familiaridade e treinamento por parte das equipes de apoio técnico em alguns hospitais pelo Brasil.

Transpor essas barreiras e colocar em prática técnicas minimamente invasivas é um desafio à maioria dos jovens urologistas que iniciam a sua vida no mercado de trabalho.

Para falar mais sobre esse cenário, Dra. Marília Buenosaires (TISBU) e Dr. Diego Capibaribe (TISBU) compartilham suas impressões de conquistas após o término do **Fellowship** em laparoscopia e oncologia. Falam também sobre a influência e o impacto que o treinamento em cirurgia minimamente invasiva teve em sua adaptação ao mercado.

**Dr. Diego Capibaribe (TiSBU)**

“ Os principais desafios que encontrei operando em algumas cidades no interior do estado de São Paulo foram semelhantes. A falta de material laparoscópico específico como a óptica de zero grau para cirurgia pélvica, as pinças de apreensão adequadas, a falta de bons porta-agulhas e os aspiradores foram os primeiros e os mais difíceis obstáculos para serem superados no início.

Muitas vezes foi preciso comprar do próprio bolso materiais caros necessários para que as cirurgias, como prostatectomia e nefrectomia parcial, fossem realizadas com segurança.

O segundo obstáculo foi melhorar o entrosamento da equipe cirúrgica. A falta de instrumentadores(as) treinados(as) em cirurgias laparoscópicas complexas e a pouca experiência dos auxiliares tornavam as cirurgias mais desafiadoras, quase impossíveis.

O material consignado descartável foi o terceiro obstáculo. Planos de saúde pequenos, hospitais de baixo volume cirúrgico pouca familiaridades com procedimentos laparoscópicos tornavam a busca por materiais descartáveis uma aventura diária. Fio **V-lok**, **bisturi ligasure**, **spacemaker**, eram palavras ouvidas pela primeira vez na maioria dos hospitais nas em cidades menores.

Nem tudo foi guerra. Apesar dos lamentos, ter o próprio material nos deixou mais independentes dos hospitais. As equipes auxiliares, apesar de serem pouco treinadas, tinham sempre uma vontade muito grande de aprender e facilmente se surpreendiam com os benefícios da laparoscopia.

No **fellowship** aprendemos também a realizar os procedimentos com pouco material descartável de alto custo, quando operando no SUS, o que nos manteve sempre flexíveis e resolutos. Com o tempo fomos conseguindo contatos de fornecedoras de equipamentos que hoje nos atendem muito bem e com presteza.

Apesar das turbulências, ao perceber a evolução das equipes auxiliares, os melhores resultados e numero cada vez maior de pacientes beneficiados com técnicas minimamente invasivas, percebo que o esforço todo valeu a pena.”

**Dra. Marília Buenosaires (TiSBU)**

“ Após a extensa formação em Urologia, contabilizando ao menos 11 anos desde a entrada no curso de Medicina, perguntei-me por várias vezes se ainda “aguentaria” mais um ano puxado de **Fellow**.

Felizmente tive a felicidade de passar no concorrido **Fellow** de Oncologia e Laparoscopia do AC Camargo e não havia dúvidas de que deveria cursar o mesmo. Sabia que sairia com uma formação de excelência, mas ainda assim me surpreendi positivamente.

Além da segurança técnica e teórica que obtive em cirurgias laparoscópicas avançadas, muitas oportunidades se abriram para mim, como poder ter sido integrada a serviços de referência na minha cidade de origem (Teresina - PI) após meu retorno.

É claro que também vivi algumas dificuldades tais como: ausência de alguns materiais permanentes e descartáveis a que estava acostumada, assim como também uma equipe de instrumentadores(as) já treinados(as) especificamente em laparoscopia.

Em pouco tempo fui me adaptando às dificuldades. Investi em alguns materiais próprios, treinamento da equipe auxiliar da forma que julgava melhor e desenvolvi alternativas para suprir a ausência de materiais descartáveis muitas vezes não autorizados pelos convênios.

Mas se havia alguma dúvida da importância do **Fellow** para o meu crescimento profissional antes de entrar no mesmo, hoje não existem mais. Foi extenuante, mas ao mesmo tempo muito gratificante. Não tenho dúvida de que realmente facilitou minha entrada no mercado de trabalho.”

**Bruno Santos Benigno**

Membro titular da SBU

Membro da CET

Titular do Núcleo de Urologia do Hospital

AC Camargo Câncer Center - SP

Mestre em Oncologia pela

Fundação Antonio Prudente – SP

E-mail: brunobenigno.urologia@gmail.com

